

ASTROJILDO PEREIRA NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA LITERÁRIA: marcas temporais e intertextualidade

ILKA MARIA DE OLIVEIRA

Uma literatura que abordasse os grandes problemas da vida moderna, que se interessasse pelo destino do mundo, que conhecesse o trabalho e os trabalhadores (...) que não se contentasse em descrever o mundo mas pensasse de vez em quando em transformá-lo (...) (V. Serge)¹

Embora literatura e política tenham tido, ao longo do tempo e para além da vizinhança dos anos setenta, análises feitas por inúmeras vezes das mais diversas comunidades de discurso, a diminuir ou aumentar a confluência entre ambas; esta controvertida relação – mais que viva em nossas letras – tende a prosseguir como um enigma. No caso brasileiro, personalidades que militam nas duas disciplinas, fenômeno não pouco comum, podem se apresentar como fontes importantes para o estudo destas confluências. É o caso do intelectual comunista Astrojildo Pereira.²

A trajetória política do jornalista dentro do PCB, do qual foi um dos fundadores e um dos primeiros secretários-gerais, tem sido instância fundamental para o estudo da esquerda brasileira, mas seus escritos literários – ressalvado o volume *Machado de Assis*, já reconhecido em qualidade por Bosi e Werneck Sodré³ – têm tido pouca ou nenhuma atenção. Quando em 1931, na onda de proletarização que afasta os intelectuais do partido, é para a crítica literária que o Autor se volta, colaborando na grande imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro, como no *Diário de Notícias* e no *Jornal*

¹ Serge, V. *Literatura e revolução*, São Paulo: Ensaio, 1989, p. 27-28.

² Astrojildo Pereira foi sócio-fundador do PCB em 1922 no Rio, tendo antes militado na imprensa anarquista e no movimento operário. É autor de obras de referência da historiografia de esquerda, como *Construindo o PCB* (São Paulo: CH, 1980), *Ensaio histórico e político* (São Paulo: Alfa Ômega, 1979) e *URSS-Itália-Brasil* (Rio de Janeiro: Alba, 1935). Atuou especificamente no jornalismo, tendo colaborado ou mesmo dirigido inúmeras revistas, algumas literárias, dentre as quais se destacam *Movimento comunista*, quase um órgão teórico do partido em seus primórdios, e *Literatura*, da década de quarenta.

³ Respectivamente em *História conclusa da Literatura Brasileira* (São Paulo: Cultrix, 1977, p. 542), Alfredo Bosi e em *História da Literatura Brasileira – seus fundamentos econômicos* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 514-16-18).

do Brasil, escritos que, mais tarde reunidos em volume, dariam as obras ensaísticas *Interpretações*, *Crítica Impura* e o já citado *Machado de Assis*.

Mais do que isto, a escrita de um suposto ensaio de história da literatura brasileira⁴ apresenta-se como motivo mais do que suficiente para a revitalização do autor e para a aventura arqueológica que é o trabalho com manuscritos. De alguns passos deste percurso trata este ensaio, mais especificamente voltado para a pesquisa de seu tempo de escritura e de sua relação com outros textos do autor.

Os manuscritos do ensaio *História da Literatura Brasileira* impõem-nos, a princípio, um estranhamento por quebrarem a imagem de leitura esperada para tal gênero de escritura. Se histórias literárias possuem tantos modelos quantos forem escritos, este ensaio de Astrojildo contribui com mais um, no mínimo eclético. Recortes da história nacional substituem as escolas literárias, que são reconhecidas (com exceção do Romantismo) pelo conjunto de seus autores, os quais nem sempre são lembrados em outras histórias literárias (como os jornalistas André Rebouças e Luís Gama e os anarquistas Fábio Luz e Curvelo de Mendonça).

Menos como contextualização e mais como justificativa absoluta para as relações entre arte e sociedade, a predominância da história sobre a literatura, em conexão estreita com o filtro ideológico do partido, traz em seu bojo classificações maniqueístas, como a da posição política dos autores enquanto *progressistas* ou *retrógrados*, necessária, segundo o Autor, para a inclusão e/ou valorização dentro do cânon.

Mas sobreleva ao recorte conteudístico, características mais propriamente formais, que, se não esclarecem de todo a gênese do ensaio, dão boas pistas para discuti-la. A simplicidade discursiva do autor é excessiva neste texto, se comparada a outros ensaios de suas antologias. Há traços constantes de oralidade, que podem estar denotando aspectos de sua recepção – não necessariamente escrita e talvez para público restrito. De outro modo, como pensar o uso de dêiticos (como em *Não era homem de partido (...) mas apoiou sempre a atividade de nosso partido*, p. 117), abreviaturas (como em *Discordo de DJ (...)*), provavelmente referente ao escritor Dalcídio Jurandir) e expedientes para organização da leitura

⁴ Chamamos aqui de ensaio ao texto "História da Literatura Brasileira", de Astrojildo Pereira, inédito, sem título no original, microfilmado do ASMOB – Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano –, pelo Arquivo do Estado de São Paulo, em 1991. Os manuscritos originais vinham sendo conservados pela Fondazione Feltrinelli, em Milão. Sabemos que o acervo de Astrojildo Pereira, após sua morte em 1965, esteve em mãos de Nelson Werneck Sodré, mas com a repressão policial sofreu uma série de desmembramentos. Atualmente encontra-se em trâmite sua aquisição pela UNESP, mas parte em microfilme pode ser acessada também no Arquivo Edgard Leuenroth. O ASMOB documenta, além do texto em questão, atas, panfletos, ensaios políticos e literários, resenhas, dentre outros escritos, totalizando cerca de 1750 fotografias.

(como *Começemos pelos publicistas*, p. 78, ou *Passemos em revista os escritores (...)*, p. 100), tão abundantes em todo o ensaio? Ainda demonstrativas desta simplificação textual são as interessantes e persistentes referências à situação de produção ou ausência de material para releitura (ou mesmo *leitura!*), como em seus trechos iniciais:

É o que tentarei indicar neste trabalho. Digo apenas 'indicar', não por modéstia, mas por impossibilidade material de proceder a um estudo aprofundado e direto da matéria. Não pude sequer ler ou rere ler certos autores dos mais importantes, valendo-me sobretudo de alguns historiadores e também de minha própria memória, que aliás não é das melhores.⁵

Vêm, entretanto, de outros textos do autor as observações que mais podem nos intrigar. As semelhanças entre o ensaio HLB e *Posição e tarefas da inteligência*, contido no volume *Interpretações*, não podem ser desprezadas. A persistência no trato da politização dos escritores é critério que os aproxima, bem como a equivalência dos nomes arrolados e a seqüência em que são citados. Pretende o Autor, neste ensaio, repensar a função do intelectual numa sociedade como a brasileira, ao qual caberia "não só trabalhar para divertimento ou proveito de uns poucos", mas também ter sua inteligência "restituída ao povo, contribuindo direta ou indiretamente para a elevação do nível cultural das massas".⁶ Para isto, vai repassando a história e selecionando da literatura exemplos, *que podemos tomar como outras tantas lições para os dias de hoje*.⁷

Autores como Castro Alves e Gregório de Matos são valorizados por assinalarem ou reforçarem marcos da tradição brasileira, como diz o Autor; mas, sobretudo, por tematizarem em sua obra questões sociais ou, mais especificamente, as lutas populares. Esta característica, tão valorizada pelo Autor em suas análises, faz convergir num ideal ilustrado as funções de literatura e imprensa: educar as massas, organizá-las politicamente, apresentar exemplos e, direta ou indiretamente, propagar o ideário do partido. Há, portanto, certo acúmulo de funções e/ou equivalência entre ambas e, conseqüentemente a isto, uma desmistificação da literatura enquanto *meio* e não *fim*.

Em suas linhas divergentes, podemos dizer que *Posição* tem a discussão balizada pelo tema da democratização (política, econômica e, por fim, cultural) no pós-guerra, enquanto o estudo da história literária e seus

⁵ Pereira, A. "História da Literatura Brasileira", ASMOB, micr. 2, p. 1.

⁶ Pereira, A. "Posição e tarefas da inteligência" In: *Interpretações*. Rio de Janeiro: CEB, 1944. p. 258. Agradeço a Alda Maria do Couto Ghisolfi, também co-autora no trabalho de fixação dos manuscritos, a indicação desta leitura, sem a qual estas hipóteses não seriam possíveis.

⁷ Pereira, A. *op. cit.*, p. 259.

exemplos, vistos à luz de Lênin, podem definir as linhas contraditórias que demarcam o nosso desenvolvimento cultural.⁸

Mas é o diálogo entre HLB e o texto *Intervenção* de Astrojildo Pereira que demonstra ainda maior grau de intertextualidade. Encontrado em meio a atas e jornais da década de 60, este último texto é, provavelmente, um resumo para conferência a ser proferida no PCB pelo Autor nos idos de 50. Com vinte e sete páginas manuscritas, fragmentos das três partes que o compõem parecem entrar em ressonância tanto com HLB quanto com "Posição", além de funcionar como resposta a uma palestra anteriormente dada pelo escritor Dalcídio Jurandir. É comentando a temática filosofia-poesia que Astrojildo decide ler parte de seus escritos relativos à Escola do Recife – trechos estes que reproduzem quase *ipsis literis* quatorze páginas de HLB –, que cobrem o período que vai de 1870 à República. O texto lido difere do ensaio em questão apenas na supressão de dez linhas e na inclusão de uma citação – além da já existente de José Veríssimo – de Sílvio Romero, do prefácio deste ao volume dez das *Obras completas* de Tobias Barreto.

Este trânsito de críticos nos supostos diferentes momentos de circulação de HLB ou de textos que com este dialoguem – Sílvio Romero, José Veríssimo, Ronald de Carvalho e João Ribeiro, dentre outros – pode assinalar muito mais do que os reforços procurados pelo autor, alimentando-se da tradição literária já existente. Constitui hipótese bastante produtiva para repensarmos a posição ideológica do autor nas várias escritas e reescritas do ensaio historiográfico. A inclusão do nome de Luis Carlos Prestes – então secretário-geral do PCB – como voz crítica junto aos historiadores citados pode ainda demonstrar o quanto a história do partido se entrelaça com os julgamentos feitos por Astrojildo e as alterações destes ao longo do tempo. Há, neste caso, não só intertextualidade, mas marcas históricas nas entrelinhas destas ideologias em desfile.

Intervenção é um texto para conferência e assim também faz veicular parte de *História da Literatura Brasileira*: em viva voz. Se isto não confirma as hipóteses levantadas de circulação oral do texto, em cursos de literatura como os dados na Associação Brasileira de Escritores, monopolizada pelo partido no fim dos anos 40, ou em informes internos do PC em suas discussões culturais, certamente contribui com subsídios que nos aproximam delas. Ponto para a oralidade.

Também quanto a isto, podemos nos reportar às palavras intrigantes de Heitor Ferreira Lima, correligionário de Astrojildo, o qual, na introdução do volume *Ensaios históricos e políticos – Astrojildo Pereira* –, comenta sobre o estilo de escrita do camarada:

Tudo isso ele o faz de modo direto, objetivo, freqüentemente vigoroso, sem circunlóquios, nem emprego de termos rebuscados ou difíceis, em linguagem límpida e estilo fluente (...) Sua velha tarimba de jornalista e o fato de ter escrito sempre para leitores que sabia serem de poucas letras devem ter lhe aguçado estas qualidades de concisão e clareza...⁹

Se o estilo descrito por Lima ressalta a versatilidade do jornalista Astrojildo na imprensa partidária, pode também instaurar novamente o enigma: é a escrita de Astrojildo que está se adaptando (em tantas ressalvas e simplificações) aos seus interlocutores, trabalhadores de poucas letras filiados ao PCB; ou é a via de transmissão dos apontamentos sobre literatura que faz do texto HLB um misto entre oralidade e escrita (anotações para uma palestra, por exemplo)?

* * *

Como relatado inicialmente, o debruçar-se sobre os escritos literários de Astrojildo Pereira e, mais especificamente, sobre seu projeto de história literária, previa a busca de dados que permitissem sua delimitação temporal. O cotejamento conteudístico deste ensaio com outros de sua autoria, bem como a busca de informações fora de seus textos foram as direções tomadas.

Os cinquenta anos ou mais de produção intelectual de Astrojildo Pereira, seja na militância, seja institucionalmente afastado dela, constituem margem larga demais para delimitarmos o período em que foi concebido este ensaio. Sem menção alguma à data de produção, outras vias tiveram que ser mobilizadas neste sentido, estas nem sempre internas ao texto.

Em microfilme, o ensaio de 134 páginas foi encontrado escrito de quando em vez ao verso e à margem do poema *O primeiro amigo*, assinado por Bárbara Beatriz. Feito provavelmente em homenagem a Gregório Bezerra, militante então desaparecido, este poema nos interessa menos pelo seu conteúdo e mais pela data impressa em suas folhas: janeiro de 1948. Logicamente, temos como primeira pista que o ensaio de que tratamos deve ter sido escrito neste ano ou posteriormente a ele. Conclusão óbvia mas necessária.

Para o mesmo fim servem ainda as várias menções dispersas em HLB acerca de textos e observações que constam dos últimos números de *Literatura*, revista literária mantida pelo partido entre os anos de 1946 e 1948, da qual o autor foi diretor logo após sua refiliação ao PCB em 1945.

É ainda *Intervenção* que contribui com mais um dado a confirmar a produção de HLB dos anos 50 para frente: em desabafo, o Autor comenta que já está na casa dos sessenta anos, o que, de acordo com seu ano de nascimento – 1890 –, faz as contas coincidirem.

⁸ Pereira, A. "História da Literatura Brasileira", ASMOB, micr. 2, p. 2.

⁹ Pereira, A. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa Ômega, 1979.

Podemos nos referir às citadas condições precárias de produção do ensaio como verdadeiras *marcas temporais* de seu tempo de escritura: um tempo de perseguição e repressão à ideologia comunista. Neste sentido, confluem novamente a história particular do partido e a gênese de *História da Literatura Brasileira*: acuada desde a cassação de seu registro em 1947, o partido vive em clima de golpismo, visível nos manifestos de 1948 e 1950. É também deste período a instrumentalização do realismo socialista, política cultural do stalinismo, que fez muitos intelectuais se desvincularem e que parece ser um dos alicerces teóricos utilizados por Astrojildo. Ainda amparados na História, a possibilidade de a escritura ter se dado na clandestinidade não deve ser descartada, o que de algum modo explicaria a ausência de recursos e a *impossibilidade material de proceder a um estudo aprofundado e direto da matéria*, bem como a não leitura ou releitura de *alguns autores dos mais importantes* e a recorrência a fontes secundárias, como historiadores, e não às próprias obras.

* * *

A intertextualidade e as marcas temporais nos escritos literários de Astrojildo mostram-nos aspectos interessantes. Se, por um lado, com base na primeira, podemos visualizar uma escrita gradativa do ensaio *História da Literatura Brasileira* – talvez um projeto antigo de história literária, em processo de amadurecimento em vários ensaios –; por outro lado, são os traços históricos que nos permitem ver a confluência entre política e literatura, ou mais especificamente, entre a história particular do partido e a suposta história literária escrita por Astrojildo.

Do texto *Posição e tarefas da inteligência*, passando por *História da Literatura Brasileira até Intervenção* de Astrojildo Pereira, observamos a paulatina submissão de sua crítica ao ideário cada vez menos flexível do partido. Embora o Autor argumente que o intelectual que assume explicitamente seu posicionamento político seja o mais livre para a criação,¹⁰ vemos o contrário em seus escritos: o Autor parece preso ao partido. Vários trechos de *Intervenção* são intrigantes neste sentido, em especial uma lembrança feita pelo autor na última parte deste texto, que funciona quase como um *mea culpa* acerca de seus quinze anos de crítica fora das bases partidárias, que entre riquezas e misérias dá sua contribuição.

O reatar da filiação perdida em 1930 trouxe consigo os altos e baixos de um partido, que nasceu de modo conturbado em 1922, conseguiu representatividade no pequeno período de legalidade em 1945 e sofreu as perseguições e as desorientações causadas pelo governo Dutra, que quase o destruíram. Ao comentar sobre sua produção crítica em *Intervenção*, o Autor desmerece análises como as que fez sobre Machado de Assis, já

¹⁰ Pereira, A. "Partido e Liberdade de Criação". In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. p. 267.

vendo no *maior nome de nossa literatura* traços de politização não considerados pelos historiadores da época, e chega a classificar seus escritos em conjunto como sendo *pseudo-marxistas*, quando não *anti-marxistas*.¹¹ A radicalização de julgamentos cada vez mais em direção ao aspecto ideológico da obra, presente em suas inúmeras escritas, coincide com o período difícil do partido no início dos anos 50 – uma verdadeira perda de ilusões, de adesão de público e de diálogo com as mais diferentes vertentes ideológicas.

Por fim, a análise de materiais como o ensaio *História da Literatura Brasileira*, de Astrojildo Pereira, pode iluminar escritos dos anos quarenta e cinquenta, particularmente comprometidos com esta linha ideológica, tantas vezes oprimida, outras muitas destruída, mas raramente explorada.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977.
Manuscritos ASMOB – Arquivo Astrojildo Pereira, Arquivo do Estado de São Paulo.
PEREIRA, A. "Posição e tarefas da inteligência". In: *Interpretações*. Rio: CEB, 1944.
———. *Crítica impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
———. *Ensaio histórico e político – Astrojildo Pereira* (organizado por Heitor Ferreira Lima). São Paulo: Alfa Ômega, 1979.
SERGE, V. *Literatura e revolução*. São Paulo: Ensaio, 1989, p. 27-28.
WERNECK SODRÉ, N. *História da literatura brasileira – seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

¹¹ Pereira, A. "Intervenção de Astrojildo Pereira", ASMOB, micr.1, p. 27.